

Criação & Crítica

CRÍTICA DA VIRADA: CARTA ESCRITA POR UMA ALUNA DE UMA DISCIPLINA DE HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA JUSTIFICANDO SUA RECUSA EM LER UM ROMANCE

Lúcia Ricotta Vilela Pinto¹

Resumo: O artigo apresenta uma carta escrita por uma aluna da disciplina de Historiografia Literária, na Escola de Letras da Unirio, que se recusou a continuar a ler um romance insuportável para ela. Dialogando com a abordagem da aluna sobre o romance, o artigo consiste em um modo de responder à carta, com questionamentos e interrogações sobre a minha própria prática acadêmico-pedagógica. Reflete sobre como lidamos com bibliografias e representações totalizantes em percursos teóricos, ainda associados ao racismo e sexismo. Desenvolve uma discussão sobre a violência no ambiente acadêmico, apresentando o que poderia ser definido como uma proposta disruptiva de graduação em letras, tendo em vista a expansão de formas das literaturas e artísticas contemporâneas e o horizonte de complexa tensão que atravessa existências nas universidades públicas.

Palavras-chave: Racismo; Sexismo; Estudos Literários; Universidade.

CRITIC TURNAROUND: LETTER WRITTEN BY A LITERARY HISTORIOGRAPHY STUDENT JUSTIFYING HER REFUSAL IN READING A NOVEL

Abstract: The article presents a letter written by a student in the Literary Historiography course at the Escola de Letras at Unirio, who refused to continue reading a novel that was unbearable for her. Engaging with the student's approach to the novel, the article serves as a response to the letter, raising questions and interrogations about my own academic and pedagogical practices. It reflects on how we deal with totalizing representations in theoretical frameworks that are still associated with racism and sexism. It develops a discussion on violence in the academic environment, presenting what could be defined as a disruptive proposal for a literature undergraduate program, considering the expansion of contemporary literary and artistic forms and the complex tension that permeates existence within public universities.

Keywords: Racism; Sexism; Literary Studies; University.

¹ Professora Adjunta da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Escola de Letras do Centro de Letras e Artes. E-mail: luciavilelapinto@gmail.com.

Criação & Crítica

um ponto de virada: a reação à dor
tatiana nascimento

Carta escrita por uma aluna da disciplina de Historiografia Literária, na Escola de Letras da Unirio, expressa a recusa em continuar a ler um romance "insuportável" para ela

A crítica da aluna ao *Caderno de Memórias Coloniais*, de Isabela Figueiredo (2018), surgiu após a conclusão da disciplina, que ministrei no primeiro semestre de 2019. Decidi escrever sobre essa crítica quando a aluna leu parte do livro e me deixou uma carta. Queria discutir sobre como é racismo e sexismo não incluir certo pensamento e categorias na instituição acadêmica, e depois sobre como resolvi incluir esse pensamento e categorias no mesmo lugar da instituição.

Eu devia saber que produzir um texto sobre a crítica da aluna poderia significar o assenhoreamento de uma intervenção que não foi minha, e assim forçar sua adequação a uma visão objetivizante (colonizante) dos estudos em geral, como se quisesse garantir direitos extras sobre sua voz. Tenho, contudo, um sentimento de confiança na escrita de um texto em que alguém mais está trabalhando comigo. Sou eu escrevendo e introduzindo um pensamento, é certo, mas esse pensamento e algumas de suas categorias estão distribuídos entre mim e a autora da carta. Considero-a autora, e efetivamente co-autora desse texto. Suas palavras e atos permanecem ecoando em minha estratégia de pensar. Talvez haja uma certa descontinuidade entre a minha argumentação e a dela, entre a minha linguagem e a dela. Não sei ao certo como denominar o tipo de parceria que vai se configurar.

Ao longo do processo de escrita do texto, durante março e maio de 2023, voltei a conversar com a aluna. Por mais de dois anos mantivemos um diálogo, encontros remotos para discussão do caminho que ela tinha de pegar para a escrita de um ensaio, que era o requisito para bacharel em letras. Sempre demos ouvidos uma à outra, especialmente nessa situação em que eu era formalmente a sua orientadora e ela minha orientanda. Agora ela está em outra parceria comigo, pois leu a versão submetida a este Dossiê. Espero que entendam que recebi a carta antes de me tornar orientadora de seu trabalho de conclusão de curso. Mais à frente conto sobre a ocasião.

Era uma carta e havia a disposição de escrever com a aluna um artigo para apresentar ao dossiê. Conversamos sobre esta possibilidade, como seria isso. Pouco tempo depois, ela me falou que necessitava priorizar outras coisas de sua ocupação

Criação & Crítica

e empolgação. Tanto ela quanto eu pactuamos não identificar o nome dela no texto, além disso, eu escreveria sozinha, tentando diminuir a exposição da carta, conforme nós duas combinamos. Poderia contar sobre a carta, mas sem me ater muito a ela. Assim eu submeti ao dossiê uma primeira versão. Os quatro pareceres eram semelhantes no ponto de exigirem que a carta fosse colocada na íntegra; sem ela, podia parecer que eu estava excluindo a aluna. Essa foi a razão contundente dos pareceristas. A aluna permitiu a publicação da carta. O problema é que havia ainda impasse: o modo como o texto operava com os “trechos de extrema violência discursiva” de *Cadernos de Memórias Coloniais*, dando uma presença espaçada a eles, não poderia “ter como consequência a expulsão de certas leitoras?”, pergunta um dos avaliadores. Depois de um breve debate comigo mesma, resolvi consentir com a hipótese de usar a rasura como recurso para silenciar as descrições de Isabela e fazer anotações em suas margens, com as questões de um dos avaliadores.

No primeiro momento do texto, me aproprio de algumas metodologias. Elas dizem coisas interessantes sobre como colocar diferentes mundos em contato. A segunda parte desdobra o desconforto da aluna que lê o livro da Isabela Figueiredo junto a muitas outras coisas que eu tinha em mente. Me preocupava a flagrante violência da liberdade de dizer de Isabela Figueiredo. Ela dizia que havia um mundo de pretos e pretas, em Maputo, onde deliberadamente se podia agredi-los/as e negar-lhes a condição social da vida. Ela dizia que havia destinado agressividade e amor aos pretos e pretas, numa realidade envolta em negação.

Por último, está em jogo minha experiência com a aluna e o experimento de virada dela. Envolvido numa relação com a aluna, esse texto incorpora o falar *a partir* de sua fala. Com a intensidade de suas palavras, em carta breve e imediata, e também com seu modo de recusa à determinada representação, me mantenho no desejo de falar a partir de sua autoria, pois, “[f]alar *a partir de* não é apenas seguir, mas se deixar instruir. É aprender não apenas a cartografar redes de relações, mas circular entre elas”² (DESPRET, 2023, p. 33) (*grifo nosso*). Há outros comentários ainda sobre a realidade do curso de Letras da Unirio. O fato de me inserir em seu contexto educacional, e agir de acordo com um projeto político e pedagógico, me faz sentir como se sua realidade estivesse se desdobrando na minha frente.

² DESPRET, Vinciane. *Um brinde aos mortos: histórias daqueles que ficam*. São Paulo: n-1 edições, 2023, p. 33.

Criação & Crítica

Metodologias, práticas relacionais, teorias

Na formação e nas pesquisas em Letras, epistemologias, experiências de saber e agência social integram-nos a pessoas, a práticas advindas de múltiplos processos históricos e às possibilidades de conexão e questionamentos que a própria literatura e os textos são capazes de criar e envolver. Eu diria que a prática acadêmica é um campo de pesquisa aberto (e ao mesmo tempo cerrado) a surpresas, que compromete o *saber* de outro modo. Em seu exercício, se dão os recortes políticos nas teorias junto a uma dimensão laboratorial para as cenas de escrita e leitura, seja para a escrita e leitura teóricas, seja para a configuração dos processos criativos que elas engendram. Experimentos com palavras e narrações, tomadas em seus contextos de fantasia social, intervêm na especulação teórica sobre narratologias, historiografias, relatos de existência e na maneira como a ficção de literaturas e das artes permeia a complexa trama de nossas vidas contemporâneas.

Daí a reflexão cada vez mais pertinente sobre como as operações cognitivas, com foco o mais diverso e extração teórica a mais distinta, engendram categorias "totalizantes" para representação de mundos, modos de ser e regimes de enunciação que no mais das vezes divergem da heterogeneidade do universo social³. Qualquer esforço de equacionar/representar a pluralidade de práticas e condutas cotidianas, que têm definido a experiência e a imaginação do social, todas elas recortadas por conflitos e exclusões de natureza política e mercantil, deve se mostrar sensível ao contemporâneo "deslocamento no modo de pensar o social" ⁴ (FELTRAN, 2014, p. 509). Isso me parece decisivo.

³ Gabriel de Santis Feltran aborda a importância de se pensar os "pressupostos cognitivos" e sua habilidade para conceber as distorções do mundo social pela "tendência de objetivação monetarizada do laço entre pessoas e grupos" (FELTRAN, 2014, p. 509), no ensaio, "O valor dos pobres: a aposta no dinheiro como mediação para o conflito social contemporâneo". A questão social está restrita, segundo pensa, aos termos de um problema de violência urbana e de monetarização das relações sociais, para a qual se dirigem, por um lado, os dispositivos de controle do Estado sobre as populações periféricas e identidades lesadas e, por outro, os "regimes normativos" da religião e do crime (IDEM, p. 506). Feltran aponta para um esgotamento do político na mediação dos problemas sociais, "é o dinheiro que aparece como único modo objetivo de mediar suas relações" (p. 508). "Ao invés de politizar a questão social ou os pilares da vida comunitária, portanto, parece-me que o híbrido dessas equações de mediação – o dinheiro – tem, ao contrário, elevado em muito a intensidade do conflito latente entre as formas de vida que, hoje, se elaboram nos cortes biopolíticos que esquadriham as cidades brasileiras" (IDEM, p. 508).

⁴ O filme #eoqueagora, de Jean-Claude Bernardet, apresenta uma visão desafiadora da problemática em questão.

Criação & Crítica

A definição que a antropóloga Marilyn Strathern⁵, em *O efeito etnográfico*, atribui à "relação entre os campos duplicados da etnografia" (STRATHERN, 2017, p. 312) é sugestiva da dimensão relacional da ciência com a sociedade, que gostaria de compartilhar. Na condução da relação associam-se o trabalho de escrita e elaboração teórica do pesquisador à pesquisa de campo, com sua fluência acontecimental e de imagens bem configuradas. O que Strathern pretende dizer com isso é que esses dois campos na antropologia não se relacionam a partir de uma vinculação derivativa ou residual em que o campo da escrita, por exemplo, forneceria proposições e princípios aptos a compendiar o intrincado da vida social. Antes, o que se dá entre os dois campos é efeito de um "momento etnográfico". Nas palavras de Marilyn Strathern, o momento etnográfico se caracteriza por uma complexa dinâmica de relação: "a relação entre esses dois campos, portanto, pode ser descrita como 'complexa', no sentido de que cada um deles constitui uma ordem de envolvimento que habita ou toca parcialmente, mas não abrange a outra" (STRATHERN, 2017, p. 312).

Codefinido e coimplicado é como todo percurso teórico lida "com pessoas em relação a categorias" (STRATHERN, 2012, p. XI). Foi dessa maneira que Strathern qualificou de "particular aquisição" a análise do pensamento jurídico para os seus estudos sobre o parentesco e ainda para a sua abordagem relacional do conhecimento na antropologia. Ela afirma:

o direito é o *locus* clássico de situações em que relações categóricas e interpessoais entram em confronto, como Judith Butler (2000) – em suas conferências sobre o nome – lembra-nos, foi o que aconteceu na reivindicação de Antígona. Julgamentos nas cortes, apelações no terreno dos direitos humanos: o direito lida com pessoas em relação a categorias (STRATHERN, 2012, p. XI).

⁵ Também no livro *Parentesco, direito e o inesperado. Parentes são uma surpresa*, Marilyn Strathern realiza uma investigação inovadora sobre o parentesco como a modalidade que constitui o cerne mesmo da pesquisa antropológica, no sentido dela se configurar em exploração sobre *como a antropologia usa relações para explorar relações* (p. 11), como *antropólogos usam relacionamentos para desvelar relacionamentos* (p. IX). Cito passagem em que ela trata desta abordagem: "(...) por que uma abordagem *relacional*? Esbocei, muito rapidamente, algo sobre a natureza provocadora da questão para o modo como os antropólogos sociais empenham-se em sua disciplina. A disciplina não é o tipo de representante (CALLON, 1986) da 'sociedade' em que a maioria das pessoas pensaria em primeiro lugar, e prometi outro campo onde encontraríamos a ciência já 'na' sociedade."(p. 91)

Criação & Crítica

Trabalhando com novas questões que a experiência pedagógica e cotidiana na graduação em Letras pode ativar, com percursos teóricos que dependem da razão de ser das pessoas no mundo, penso nos contornos que um projeto crítico das letras pode delinear. Antes de tudo, um questionamento das lógicas calculadas veladamente. Ao questionar isso, a repetição das experiências traumáticas, que limitam a voz, torna-se incontornável. Lembro da Sara Ahmed, quando diz: "a repetição é o palco de uma educação feminista" (AHMED, 2022, p. 29).

O encontro com "teóricos" falocentristas durante a minha própria formação não deu certo e com certeza não se refletiu bem em mim. Foi horroroso ler a dedicatória escrita para mim no lançamento do livro de um professor da graduação, em quem confiava. Lembrança aflitiva. Eu tinha 23 anos e fui levada a experimentar nas frases dedicadas a mim a vergonha de ser objeto de desejo (sexual) desse professor. Porque eu tinha que fingir, naquele lugar e com aquelas pessoas, que nada tinha acontecido? Aquilo tudo penetrava em minha cabeça, espalhava por toda parte, como uma substância vazada daquele espaço. Fiquei muito brava. Até hoje volta a surgir um amargor, a revolta. "Não estamos em paz com os opressores que afiam seu uivo em nossa dor"⁶.

Ali, senti na pele o pressuposto patriarcal na faculdade, os homens para pensarem com rigor em ideias transcendentais, as mulheres para sujeitarem seus corpos à invasão e domínio desses mesmos homens cultos, sabidos, eruditos. Era o próprio pressuposto de um humanismo em que o [humano-homem] é considerado segundo o seu mais alto grau de elaboração teórica face às exigências da razão e do "ideal da plena objetivação". Não há dúvida da divisão de trabalho entre homens e mulheres que isso requer. Agora sei por que conto isso, para explicitar a violência implicada no limite do pensamento do professor e, também, para compreender como categorias como livro, autor, saber, professor, lançamento, livro do professor são categorias instrumentalizadoras de totalidades então circunscritas a um "público", que, de sua parte, representa o letrado, capaz – criticamente – da tarefa de sua teoria que é apenas e unicamente objetivação.

Dessa discussão se despreendem aspectos contidos em modos de teoria levantados por Hans Blumenberg em sua "teoria da não conceitualidade". Blumenberg, interessado numa teoria antropológica do conceito, mostrou como a "velha forma humanista" ou a "velha antropologia teleológica dos gregos e romanos" dirigia a mais longa concentração aos céus, o que quer dizer: "o olhar não se fixa no

⁶ Gloria Anzaldúa. "Speaking in Tongues: A Letter to Third World Women Writers". Ed. Anna Louise Keating. *The Gloria Anzaldúa Reader*. Durham & London: Duke University Press Books, 2009, p. 34.

Criação & Crítica

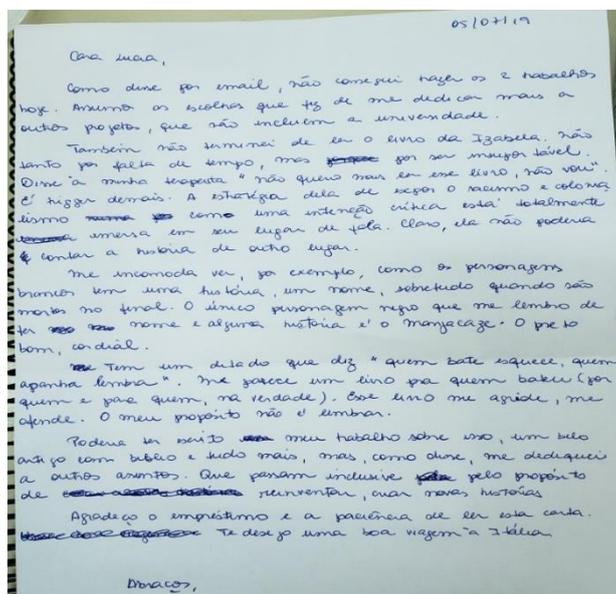
horizonte espacial e temporal para aguardar e agir sobre o que vem, senão que, com o olhar erguido a noventa graus em relação à terra, se eleva ainda *noventa graus* e se dirige *ao céu estrelado*"(BLUMENBERG, 2013, p. 51). Nesse ponto, Blumenberg volta a discutir a anedota de Tales, o "protofilósofo e astrônomo", de Mileto, colocando sua "criada" no centro de um questionamento sobre os limites de determinada teoria. A criada espreitava Tales, ele observava as estrelas à noite sem se importar com o que ocorria diante de seus pés. Como ele estava tão ausente, absorvendo os céus, e sem conexão com o mundo à sua volta, caiu na cisterna. Ela riu, tirou sarro dele por isso. Pôde ter certeza do significado disso: uma teoria pura aliena. O riso da serva foi, segundo Blumenberg, a "advertência constante em favor do realismo, do regresso à mera concretização do que nos concerne ou pode nos concernir, distanciando-se do que não concerne ao destino de ninguém" (BLUMENBERG, 2013, p. 53).

Não estou disposta ao olhar dirigido ao todo ou ao que ele representa de mundo nos termos daqueles céus. Penso em como determinados tipos de urgências teóricas e existenciais se configuram nas "demandas dirigidas à instituição universitária e suas práticas acadêmicas", tal como proposto neste dossiê sobre *Irrupção e reação (Raça, gênero, sexualidade e classe na teoria literária brasileira contemporânea)*. A prática na academia ainda é perpassada pela relação que mantemos com o racismo, o sexismo e o capitalismo, como está bem colocado por Sara Ahmed em *Viver uma vida feminista* e por Rita Segato "Brechas decoloniais para uma universidade da Nossa América". Também devíamos admitir que as coisas não estão bem nas teorias que tratam das literaturas e que, no entanto, é a partir delas que devemos mudar.

Vou procurar refratar aqui modos de teorizar por meio das potenciais viradas críticas de uma aluna, autora da carta, ao interagir com determinada bibliografia, não para trocar e/ou relativizar perspectivas e orientá-las sob distintas representações do mundo, mas para permear "o que concebemos como objeto de estudo" por aquilo que "fazemos do nosso conhecimento do mundo" (STRATHERN, 2017, p. 363).

Criação & Crítica

Carta



A aluna me entregou a carta no final do curso, em que dizia não ter conseguido escrever o trabalho sobre o *Caderno de Memórias Coloniais*. Foi uma carta escrita à mão, com a letra da aluna. A carta era endereçada a mim, usando meu nome no começo da carta "Cara Lucia," e assinada com o seu nome no final, encerrando a carta. Eu não sabia se a aluna esperava uma resposta. Eu não sabia que tipo de carta responderia àquela. Depois de alguns meses encontrei uma maneira de responder, contando como eu havia lido a carta e o que eu havia pensado que ela queria me dizer ao me mandar uma carta sobre o quão insuportável era o livro para ela. Enviei minha resposta por e-mail; disse, entre outras coisas, que "a partir dali (da carta) uma faísca foi dada, com fôlego para continuar", e ela comentou "Se a faísca foi dada, que bom: agora ela é sua". Sim, tinha alguma razão.

Pelo que narra a carta, foi intolerável o livro para a aluna. Não deu para ela terminar a leitura. Suas palavras contam o que houve:

É trigger demais. A estratégia dela de expor o racismo e o colonialismo com uma intenção crítica está totalmente imersa em seu lugar de fala. Claro, ela não poderia contar a partir de outro lugar. Tem

Criação & Crítica

um ditado que diz 'quem bate esquece, quem apanha lembra'. Me parece um livro pra quem bateu (por quem e para quem, na verdade). Esse livro me agride, me ofende.

Foi semelhante a uma injúria racial sendo dirigida à pessoa negra. Ela, uma aluna negra, se sente insultada mesmo "sem ser *objeto* direto do insulto" (KILOMBA, 2019, p 182). Uma dinâmica do racismo que, segundo Grada Kilomba, se realiza com a "inclusão individual em uma exclusão coletiva" (IDEM, p. 183). Dá também para roubar os termos de Tatiana Nascimento, quando fala de "expição do racismo como *pecado branco*" (NASCIMENTO, 2020a, p. 4), e pôr ênfase na violência que as memórias de infância de Isabela Figueiredo fazem a pessoas negras que estão só agora nas universidades. O choque violento inscrito na carta que a aluna me entregou é como uma cena abrupta, íntima e pessoal, reencenando a cena da "plantação". Segundo Grada Kilomba, a plantação metaforiza o passado traumático "reencenado através do racismo cotidiano" (KILOMBA, 2019, p. 213). O racismo cotidiano resulta de um "trauma colonial que foi memorizado" (IDEM) e enterrado vivo na psique do sujeito negro. Portanto, um trauma passado que coexiste no seu presente; a "pessoa *negra* é abordada no presente como se estivesse no passado" (IDEM, 2019, p. 222).

A ênfase no choque causado pela leitura dos *Cadernos* é parte de uma aliança com o efeito de *virada* – disruptivo com certeza – de paradigmas hegemônicos. É desejo deste texto trazer à tona a violência da linguagem, o seu caráter não-unívoco manifestado na repercussão que tem a fala quando narra o efeito disparador das memórias coloniais de Isabela. É nesse sentido que dão efetivamente o que pensar as palavras na carta da aluna. São uma linguagem que alimenta uma epistemologia que, para obter coerência, corporifica o pensamento vivo às formas de ser no mundo. As palavras da carta dão, em suma, o que pensar no sentido político-prático de um pensamento.

A aluna se detém em como a "estratégia" de expor de Isabela Figueiredo se embebida de racismo. A "intenção" da escritora de expor a violência histórica de suas memórias coloniais acaba por articular novos antagonismos, tendo em vista, sobretudo, o tratamento que dá à *intenção crítica*. A questão aqui é a seguinte: por que uma abordagem crítica do racismo e colonialismo, por Isabela, não é representativa para o modo como a aluna elabora a questão?

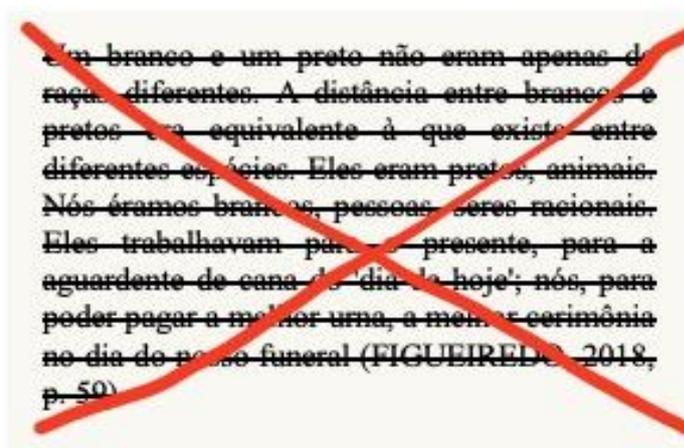
A preocupação central da aluna é a de que se trata de um livro *trigger demais* escrito por quem bateu e para quem ainda bate. Se há "(...) uma intenção crítica [que] está totalmente imersa em seu lugar de fala", esta afirmação quer sugerir modos

Criação & Crítica

como o pensamento crítico está incrustado num modo eurocêntrico e branco de ser e ver o mundo e no modo dialético com que a separação dos mundos se confronta.

Livro

A experiência ambígua e de divisão na escrita de Isabela Figueiredo reflete a relação controversa em seu texto entre o racismo do pai e do estado de Portugal, em Maputo, e o seu pertencimento a um ambiente familiar inteiramente branco. Em passagem textual dos *Cadernos*, a autora identifica e produz o reconhecimento de uma fronteira existente na sociedade moçambicana. Havia, segundo diz, um "nós", formado por brancos portugueses, e um espaço em que "eles" permanecem, habitam e são constituídos enquanto gente preta da terra. Veja que a menina branca, que é Isabela, está situada, não só no limite entre dois territórios, o território colonizador de Portugal e o colonizado de Moçambique, mas igualmente no limite de uma condição ontológica privilegiada e hegemônica que lhe permite categorizar o que é o humano, o que é o animal e o que é ser racional:



~~Um branco e um preto não eram apenas de
raça diferentes. A distância entre brancos e
pretos era equivalente à que existe entre
diferentes espécies. Eles eram pretos, animais.
Nós éramos brancos, pessoas, seres racionais.
Eles trabalhavam para o presente, para a
aguardente de cana do 'dia de hoje'; nós, para
poder pagar a melhor urna, a melhor cerimônia
no dia do nosso funeral (FIGUEIREDO, 2018,
p. 50)~~

A fala imersiva e ao mesmo tempo distanciada da escritora portuguesa, que predomina no *Cadernos*, emprega uma conjunção embaraçosa do amor absoluto da

Criação & Crítica

filha pelo pai racista e a "alma de preta" da menina nascida em Maputo (p. 93). Há uma certa tendência ao adensamento dessa conjunção conforme a narrativa se desenrola. Ela vai revelando o amadurecimento da menina Isabela que vai se *fazendo passar* por uma pessoa negra naquele contexto de acirramento de raça e classe do colonialismo português no século XX. Um exemplo é a sua pressuposição a respeito de uma afirmação de identidade, em que faz um evidente esforço para absorver tudo o que a cercava naquele contexto de brutal exclusão. Não sei ao certo se essa passagem desconcertante, em que Isabela afirmava "(...) eu era uma colonazinha preta, filha de brancos. Uma negrinha loira" (FIGUEIREDO, 2018, p. 59), foi lida pela aluna. Parece que escreve um relato para incluir as pessoas negras que depois irá excluir, porque embora elas tivessem a ver com a vida dela na época, não tinham nada a ver com a história do colonialismo em que ela vive e é representada.

Permitam-me aqui um exercício mais distanciado. O horizonte pessoal dos *Cadernos* está totalmente imerso no mundo racista no qual o pai de Isabela vive e trabalha, isto é, de um relacionamento com o pai nasce uma filha, vítima e agente da violência, uma "~~colonazinha preta~~", cuja identidade é afetada por um relacionamento de amor e traição da filha ao pai. Ela diz: "(...) ~~eu sou o meu pai, o que resta dele~~" (FIGUEIREDO, 2018, p. 58) e, ainda: "(...) ~~vivemos um tempo demasiado curto para o nosso amor, confuso, desajustado, injusto. (...) Um tempo, um espaço, um tabuleiro de xadrez errado para o amor. E que o traí para que pudéssemos levantar a cabeça~~" (FIGUEIREDO, 2018, p. 146).

O relato direto e ao mesmo tempo íntimo dos cadernos da Isabela, uma invenção da linguagem do luto – toda ela uma repetição trágico-melancólica da paternidade repressiva e do parasitismo das mulheres brancas –, está pondo em circulação um repertório de enunciados violentos que rebentam numa língua dita comum de Lourenço Marques, na década de 60 e 70 do século XX. Língua esta que traduz a conduta social de "(...) ~~brancos [que] iam à cona das pretas~~" enquanto artifício retórico que agudiza a dor histórica das mulheres pretas:

Criação & Crítica

violência discursiva

lugar de voz

evidências textuais

As pretas tinham a cona larga, diziam as mulheres dos brancos, ao domingo à tarde, toda em conversa íntima debaixo do eajuro largo (...), enquanto os maridos saíam para ir dar a sua volta de homens, e as deixavam a desenferrear a língua uma com as outras, que as mulheres precisam desenferrear a língua umas com as outras. (...) As pretas tinham a cona larga, mas era a diziam as partes baixas ou as vergonhas ou a ba'alhoc. As pretas tinham a cona larga e essa era a explicação para parirem como pariam de preto, todas viradas para o chão, onde quer que fosse, como os animais. A cona era larga. A das brancas não, era estreita, porque as brancas não eram umas cadelas fúrias, porque a cona angrada das brancas só lá tinha chegado o do mar, lo, e pouco, e com dificuldade, eram muito estreitas. (FIGUEIREDO, 2018, p. 34).

qual seria o efeito e o sentido da citação?

gozo nas descrições racistas

desconcertante

alibi da suposta intenção crítica

expulsão de certas leitoras

Dado seu caráter banal no mundo cotidiano de Lourenço Marques, no qual os portugueses vivem, e sobre o qual Isabela traça sua vida na colonialidade, o racismo é um postulante esperado. No entanto, não se espera dele uma intenção crítica. O racismo, como se sabe, não está onde se esperaria encontrar uma *intenção crítica*. Se a *intenção crítica* não está onde se espera encontrar racismo, onde podemos encontrá-la nos *Cadernos*? Não é difícil distingui-la num meio tão acirrado. É claro que o racismo existe como um anexo ao colonialismo do pai de Isabela, mas também como um domínio divergente no pensamento dela sobre o "largo campo de concentração com odor a caril", que, para ela, era Lourenço Marques. No entanto, procurando por um domínio divergente na intenção crítica da Isabela, sempre esbarramos num inapropriado agenciamento de sua intenção. Sua intenção se vincula apenas à personificação de sua vontade, e aqui se trata basicamente de sua vontade de purgar o sentimento envergonhado e de culpa pelo pai, sem, contudo, manifestar atenção à aptidão maior de sua dor, uma dor sofrida por alguém que goza de proteção e segurança no contexto histórico do racismo e colonialismo português na África. O que aparece de modo dominante no agenciamento da intenção crítica em Isabela é que as aptidões de sua dor são reveladas através dos mesmos poderes que efetuam a dor nos outros, já que grandes partes dessa história dos maputenses estão faltando.

Criação & Crítica

A identificação de Isabela com os pretos e as pretas de Maputo não é o suficiente, portanto. Não ia muito além de uma "identificação empática" (SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 46). Há a identificação, e há também certa violência. Nem a mais completa identificação seria capaz de atenuar a violência que existia entre brancos e pretos em Maputo. Em vez disso, como dar corpo a algum entendimento sobre a empatia de Isabela com o "~~largo campo de concentração com odor a caril~~", sem considerar como a aluna negra é afetada por isso. A empatia de Isabela teve o poder de violentar a minha aluna. Não que ela, Isabela, fosse inequivocamente violenta. Não. Era que, por causa de uma conjunção paradoxal da *disposição natural* ao outro com a violência, o "nós", ao qual Isabela pertence, desliza para um "eles", os "~~pretos, animais,~~" apenas como exemplo de uma "incorporação violenta do outro, destruindo "as diferenças sob o manto da solidariedade"⁷ (SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 46). E a razão pela qual minha aluna se sentia tão desconfortável é por causa dos espaços aprisionados que se abriam entre esses "nós" e os "eles" em Maputo. O que havia sido identificação empática servia "ora para proteger os membros do grupo, ora para submeter o "outro", quer pela recusa ao diferente, quer pela sua incorporação homogeneizadora" (SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 46)

Crítica da virada: " quem bate esquece, quem apanha lembra"

Para uma crítica e intervenção sobre como se lê (como a carta de uma aluna lê) a escrita dos *Cadernos*, sugiro a consideração dos efeitos de ofensa e agressão à aluna. Tendo em mente a carta da aluna entregando seu modo de ver o mundo da

⁷ Agradeço a Anita Martins Rodrigues de Moraes por me indicar, depois da leitura que fez da primeira versão desse texto, o trabalho de Márcio Seligmann-Silva sobre a questão da compaixão. Com a reação da aluna à narrativa de *Cadernos de Memórias Coloniais*, faz todo sentido pensar no "dispositivo trágico" de compaixão e terror como teoria aristotélica e desdobramentos em uma razão ocidental esclarecida. Como distingue Seligmann-Silva, o terror parece mais propenso a construir e formar o "nosso semelhante" do que um real engajamento com o outro. Cito-o "O terror, a respeito do nosso semelhante desditoso", da definição da **Poética**, também é um terror em relação a nós próprios, como potenciais sofredores" (SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 42). Como se tentássemos forçar algum interesse no outro, tomamos o outro na verdade como simplesmente o objeto de nossa autoreflexividade, "o abalo trágico é revelado como um medo de que um mal *nos* atinja" (SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 42). Então aí está o "nós" de Isabela Figueiredo contido apenas num pequeno grupo de pessoas brancas em Maputo. De acordo com a crítica da *Dialética do Esclarecimento*, citado por Seligmann-Silva, o "nós" "torna mais fácil para os privilegiados, em face dos sofrimentos dos outros, enfrentar as ameaças a si próprios" (SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 49).

Criação & Crítica

Isabela, no sentido de tornar o racismo dela uma ofensa, importa corporificar um gesto que depende, em última instância, das marcas de um corpo que sente a dor de ser retratado como a vítima da história. O corpo de quem apanha, não implica apenas um conhecimento e uma posição relativa, antes vê de outro modo (e sente, "são os corpos que veem e que determinam o que é visto"⁸ (STRATHERN, 2017, p. 361). Se o corpo guarda marcas, a questão é saber que mundo se expressa através dessas marcas, de que mundo elas são um modo de ver. No corpo de quem apanha, nesse caso, a afecção da dor advém da cor. Um corpo que dói⁹ opera como agente de perspectivismo, dando lugar a mundos e a uma ordem de cura do pensamento em que este se conjuga à instauração de mais existência, menos dor. Daí, no arco íntimo com vidas essenciais, emerge um ponto da crítica da virada.¹⁰

Crítica da virada, permitam-me que seja assim. Deixe-me conduzi-los à virada do mundo que se vê, à virada que move alguém que está vivo em algum lugar, na sua pele. Uma relação de conhecimento que começa por invalidar a antropologização do outro na mesmidade do sujeito, apoiando-se na "condição tradutiva intrínseca da antropologia, discurso conceitualmente codeterminado pelos discursos sobre os quais discorre" (CASTRO, 2015, p. 233). Se a crítica participa do mundo, ela é então efeito de práticas de sentido abertas pelos corpos. Assim, o extremo de sua abertura está em apontar para as reversões, em que "um outro de outrem" ou o "outrem é a existência do possível envolvido"¹¹.

⁸ Essa é uma das formulações usadas por Marilyn Strathern, em *O efeito etnográfico* (2017), para sintetizar uma "ontologia de múltiplos mundos" como o perspectivismo de Eduardo Viveiros de Castro. Assim, para evocar o que o perspectivismo articula em termos de pensamento e corpo, ao colocar a diferença especificadora sobre como o corpo muda o mundo que se vê, repiso as palavras de Viveiros de Castro: "O que estou chamando de *corpo*, portanto, não é sinônimo de fisiologia distintiva ou de anatomia característica; é um conjunto de maneiras ou modos de ser que constituem um *habitus*. Entre a subjetividade formal das almas e a materialidade substancial dos organismos, há esse plano central que é o corpo como feixe de afecções e capacidades, e que é a origem das perspectivas. Longe do essencialismo espiritual do relativismo, o perspectivismo é um *maneirismo* corporal" (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 380).

⁹ Para uma escrita da crítica engendrada por um corpo afligido de dor pessoal e social, ver o belo ensaio de Claudete Daflon, *Meu país é um corpo que dói*. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2022. Ela diz: "É nos cercamentos e nas descobertas, na dor e no gozo de estar no mundo e experimentá-lo como leitura e criação, que encontro a razão de ser do *que* e *como* escrever"(p. 33).

¹⁰ "(...) porque me convoca pra pensar um ponto de virada: a reação à dor. como temos reagido/resistido à dor? como temos feito nossa poesia que ou fala da dor ou parte da dor e o que temos feito com ela? especificamente: como tornamos essa resistência em organização pra superação da dor? y, sim, até eu me rendo a esse trocadilho: como temos feito de nossa literatura nossa literacura?". nascimento, t. *da palavra queerlombo ao cuierlombo da palavra*, 2018. Disponível em: <https://palavrapreta.wordpress.com/2018/03/12/cuierlombismo/>.

¹¹ Deleuze, G. "Michel Tournier e o mundo sem outrem". *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 317.

Criação & Crítica

A experiência *estranho-íntima* de Isabela com o pai e com a *língua* ofensiva das mulheres brancas é entendida como o padrão do sentimento racista e sua violência. O paradigma do pai, que é a base do colonialismo e racismo, engendra paradoxalmente um humanitarismo de filha. Como se os cadernos da autora representassem a defesa da vítima sujeitada à violência gratuita de um pai e da lei de seu Estado. A identificação narcisista da filha com o pai, a apropriação inapropriada da língua falada pelas brancas sobre o corpo das pretas bloqueia efetivamente a possibilidade de interação da aluna. Ao contrário. A aluna identifica habilmente que a barreira provocadora da questão do racismo no livro serve para separar o mundo da escritora do mundo sob "o véu da cor". A separação torna-se, inclusive, condição *sine qua non* do vitimismo com que brancos veem as pretas, com que os sujeitos imputam a outros seres a incapacidade de um comportamento considerado ativo. O racismo de Isabela, nesse sentido, deixa de distribuir as agências nos mais diversos sentidos e tipos. A aluna diz:

Me incomoda ver, por exemplo, como os personagens brancos tem (sic) uma história, um nome, sobretudo quando são mortos no final. O único personagem negro que me lembro de ter nome e alguma história é o Manjacaze. O preto bom, cordial.

A estratégia literária de Isabela provoca ainda na aluna uma experiência conflituosa semelhante ao assinalado por Tatiana Nascimento em *Leve sua culpa branca pra terapia* (2020), e que se dá num entrechoque da "exaustão negra" com o "sofrimento branco". Cito Nascimento:

a própria naturalidade com que pessoas brancas parecem esperar que pessoas negras estejamos sempre dispostas a ouvir suas lamentações & tristeza & arrependimento & memórias de quando eram crianças racistas com suas babás demonstra bastante o contínuo da servidão colonial instaurado em suas psiquês (NASCIMENTO, 2020b, p. 9).

Ante uma leitura em que o ponto de referência central são as memórias de quem bate e esquece que bateu, a aluna faz um expresso deslocamento, tomando

Criação & Crítica

uma posição de mulher negra diaspórica¹² e estudante universitária, em relação à obra de uma pessoa branca pessoalmente envolvida com o colonialismo português em Maputo, capital de Moçambique. Posição esta que, não só inscreve na carta um gesto insurgente, contrário ao livro, como aciona a alavanca decretatória de delimitação de seu pessoal salvo conduto desdobrado nas afirmações com força de virada crítica:

– "Assumo as escolhas que fiz de me dedicar mais a outros projetos, que não incluem a universidade".

A carta viera para condenar a violência racista contida na intenção crítica do livro e para enunciar as escolhas da aluna, espaçar-se no pensamento de suas escolhas. A carta viera também enunciar o desejo de dedicar-se a "outros projetos, "a outros assuntos". Não lhe interessava a universidade, uma vez que criara um propósito, o de "reinventar, criar novas histórias". Já que os **Cadernos** eram memórias de quem bate e esquece, o texto só podia despertar nela as lembranças de quem apanhou. A carta reitera que sim, claramente, a aluna sabia onde aquelas lembranças doíam. Ficava melhor colocando em prática novas histórias.

As novas histórias que procura, à medida que suas ideias sobre a experiência da leitura de Isabela operavam um deslocamento, combinam-se a uma ideia insistente à qual ela deu forma. "Meu propósito não é lembrar" e "(...) me dediquei a outros assuntos. Que passam inclusive pelo propósito" da reinvenção e criação de histórias, ela diz. Seu desejo de escrever era maior, pensa então em contar a história por ela. Teria ficado no lugar de vítima que apanha, se não tivesse afinal decidido não lembrar. Lá estava ela, esquecendo-se das memórias reiteradamente repetidas nas páginas do livro, explicando como foram os horrores do colonialismo. Cumpria, assim, a virada firme de sua recusa: ela está envolvida na necessidade de contar suas próprias histórias em um território livre governado por ela.

¹² Com o uso da expressão mulher negra diaspórica, considere-se o significado básico da diáspora como a dispersão decorrente do comércio de escravas africanas e escravos africanos desde o século XV e suas implicações sociais e psicológicas alienantes e de descentramento absoluto da perspectiva de *ser* negra/negro. Considere-se, igualmente, a referência ao psicólogo americano Wade W. Nobles sobre o "descarrilhamento cultural do povo africano" como um estudo do trauma na afrodiáspora. Wade W. Nobles afirma: "A metáfora do descarrilhamento é importante porque quando isso ocorre o trem continua em movimento fora dos trilhos: o descarrilhamento cultural do povo africano é difícil de detectar porque a vida e a experiência continuam" (In: Elisa Larkin Nascimento (org). *Afrocentricidade. Uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 284).

Criação & Crítica

Universidade

Chama a atenção um desejo expresso na frase, "(...) outros projetos, que não incluem a universidade". É dolorosa a instituição para quem sabe o que ela é. Os projetos de vida da aluna não incluem a instituição universitária. Há o racismo da instituição acadêmica, que é visto com desconfiança. A formação em Letras fala muitas vezes apenas para si mesma, desde um ponto de vista eurocêntrico. Na universidade pública, a formação em Letras não se ajusta à emergente consciência política da aluna. E fico me perguntando sobre a branquidade da instituição e, por conseguinte, das letras?

Não é meu objetivo desdobrar a importante reflexão sobre as políticas afirmativas nas universidades, desde a instituição de lei de cotas. Trata-se, na realidade, de um relato de experiência pedagógica propiciada certamente pela maior diversidade étnico-racial no ambiente acadêmico.

A universidade exclui, em geral, uma postura intelectual não-branca e tende a enfraquecer os elos da vida dos negros com reflexões dos *outros*. Sendo parte dos requisitos do meu curso universitário, o livro de Isabela Figueiredo afastaria a aluna da universidade? O livro de Isabela era sugerido na disciplina em meio a várias bibliografias de autorias negras, entre elas, *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*, de Grada Kilomba; "Conakry" por Filipa César, Grada Kilomba and Diana McCarty, "Desaprendendo momentos decisivos", de Ariella Azoullay; *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*; "Nós matamos o cão tihoso", de Luís Bernardo Honwana; "A ideia de um mundo sem fronteiras", por Achille Mbembe.

A dedicação a outros projetos que não à universidade faz, com efeito, uma mudança no direcionamento das jornadas intelectuais da aluna. Ela que parece buscar um mundo para suas questões (ausentes) na universidade. E ainda sinaliza os efeitos reais da exclusão da afluência multi-identitariamente política e existencial na vida acadêmico-universitária. De modo que uma leitura dos *Cadernos* devesse significar uma apaziguada jornada em direção a um embranquecimento, transformando a formação numa experiência de *passing*¹³ (HAIDER, 2019, p. 95).

¹³ A expressão *passing* nos Estados Unidos abarca diferentes significados, dependendo do contexto em que é utilizada. Um dos significados mais comuns de "passing" é se referir a uma pessoa que é capaz de "passar" por outra etnia, raça ou grupo social diferente do seu. Isto pode ocorrer, por exemplo, quando uma pessoa branca se "passa" por negra. Em geral, o termo é utilizado para se referir a situações em que a pessoa é capaz de afirmar uma identidade. A expressão *passing*, que dá nome ao quarto capítulo de *Armadilha da identidade: raça e classe nos dias de hoje*, de Asad Haider, é usada

Criação & Crítica

Carta

As justificativas presentes na carta da aluna são expressivas e apontam, entre outras coisas, para a ideia de que se deva ler e escrever as existências *não apenas a partir* da dor e do trauma. A crítica que a aluna faz à fala hipoteticamente crítica de Isabela Figueiredo tem por base a ideia de que há uma complexidade salutar no equacionamento de identidade racial, poder e dor para a escrita negra contemporânea¹⁴. Ela diz:

–“(…)Também não terminei de ler o livro da Isabela. Não tanto por falta de tempo, mas por ser insuportável”.

Na carta pôs uma fala que disse à terapeuta, na tentativa de enfatizar o quão insuportável era para ela a experiência de ler o texto da Isabela Figueiredo e o quanto aquela bibliografia representava uma injúria à afirmação de sua identidade pessoal: “(…) Disse à minha terapeuta não quero mais ler esse livro, não vou (…)”. O relato da fala à terapeuta revela uma economia psíquica que tem na recusa a ler algo uma possibilidade de cura e libertação da dor.

Não escrevi uma resposta a esta carta. Ela foi deixada para mim e eu e a aluna não conversamos sobre a crítica dela, quando recebi a carta, só depois, e ainda em outras circunstâncias.

Após a reação da aluna a essa espécie de insulto racial do livro de Isabela, passou a fazer sentido apresentá-lo sempre aos/às estudantes junto à reação que ele havia causado à aluna e que, por hipótese, vem ainda a causar. Reproduzi a carta sem expor o nome da aluna, é claro, para mostrar em aulas distintas reações a leituras, ou a realidade que uma mulher negra experimenta. Estava desejando um

agora para pôr em discussão a criação da identidade pessoal como única forma de prática política. Haider tensiona a relação muito direta e estreita entre identidade e política, lembrando o caso de Rachel Dolezal, uma mulher branca se passando por negra, Coleman Silk de *A marca humana*, um homem negro de pele clara se passando por branco, entre outros casos.

¹⁴ É decisivo nesse sentido o prefácio de Toni Morrison ao seu livro *Jazz*. Cito um trecho: “*Amada* liberou uma porção de ideia sobre a maneira e a natureza daquilo que podia ser valorizado sob coação e sobre a deformação emocional imposta por uma sociedade escravocrata. Uma dessas ideias – o amor como um perpétuo luto (assombrado) – me levou a considerar uma ideia paralela: como esses relacionamentos foram alterados, mais tarde, sob (ou por) um certo grau de liberdade. Alteração essa intensamente clara na música. Me vi tocada pela modernidade que o jazz antecipava e direcionava e por seu nada razoável otimismo. Fossem quais fossem a verdade ou as consequências das dificuldades individuais e do panorama racial, a música insistia que o passado podia nos assombrar, mas não nos amarrar. Ela exigia um futuro (…)

Criação & Crítica

tipo de confronto crítico de instabilidade e em ebulição com outras conexões possíveis. Com conexões, aliás, atentas a uma literatura, que sendo pessoal e crítico-teórica ao mesmo tempo, vem impregnada da experiência de divisões múltiplas sempre próximas de nós no ambiente de formação nas universidades. Foi matéria de pensamento e imaginação nesse sentido, a julgar pelas características da carta que tinha como objetivo criticar a estratégia da autora de expor o racismo e o colonialismo com uma intenção crítica que estava totalmente imersa em seu lugar.

Escola de Letras - Unirio

A escola onde a disciplina de Historiografia Literária foi ministrada fica em um edifício antigo, no bloco III do Centro de Letras e Artes da Unirio, localizado na Urca, perto da Praia Vermelha. Em 2010, um grupo de professores do teatro criou a Escola de Letras com uma visão inovadora sobre as Letras. Visão essa que seria capaz de oferecer uma formação alternativa ao convencional modelo de línguas e literaturas nacionais praticado nos cursos de letras pelo país. Se propomos pensar o campo das letras como expansivo, "com suas conotações internas e de constante reformulação e ampliação" (GARRAMUÑO, 2009, p. 101), como pensa Florencia Garamuño, é fundamental se ater às letras que não separem os mundos.

O curso de graduação em Letras da Unirio funciona no horário noturno e possibilita, portanto, uma oferta de vagas para pessoas que trabalham durante o dia. Por ter se destinado a cobrir a ausência de cursos de Letras em universidades públicas na Zona Sul da cidade, atrai estudantes da Zona Norte, Centro e Zona Sul, com perfis socioeconômicos distintos, constituindo um amálgama que nos revela muito sobre a equação complexa das identidades com formas literárias e artísticas contemporâneas.

Ao mesmo tempo em que propiciou as reflexões trazidas neste artigo, a carta escrita pela aluna de Historiografia Literária reflete, de certa forma, o compromisso de incorporar as urgências de nossa vida contemporânea e seus respectivos desafios no ensino de literaturas e língua portuguesa. Com modos de expansão epistemológico e ontológico e um uso não normativo das letras, a ideia também é proliferar a pluralidade de pessoas e mundos.

Criação & Crítica

Referências

AHMED, S. *Viver uma vida feminista*. Tradução de Jamille Pinheiro, Sheyla Miranda, Mariana Ruggieri. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

BLUMENBERG, H. *Teoria da Não Conceitualidade*. Tradução de Luiz Costa Lima. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

CASTRO, E. V. *Metafísicas Canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

DAFLON, C. *Meu país é um corpo que dói*. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2022.

DESPRET, V. *Um brinde aos mortos: histórias daqueles que ficam*. São Paulo: n-1 edições, 2023.

DELEUZE, G. "Michel Tournier e o mundo sem outrem". *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

FELTRAN, G. de S. "O valor dos pobres: a aposta no dinheiro como mediação para o conflito social contemporâneo". *CADERNO CRH*, Salvador, v. 27, n. 72, p. 495-512, Set./Dez. 2014.

FIGUEIREDO, I. *Cadernos de Memórias Coloniais*. São Paulo: Todavia, 2018.

GARRAMUÑO, F. "La literatura en un campo expansivo: y la indisciplina del comparatismo". *Cadernos de Estudos Culturais*, Campo Grande, v. 1, n. 2, p. 101-111, p. 2009.

HAIDER, A. *Armadilha da identidade: raça e classe nos dias de hoje*. São Paulo: Veneta, 2019.

KILOMBA, G. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

Criação & Crítica

NASCIMENTO, t. *Leve sua culpa branca pra terapia*. São Paulo: n-1 edições, 2020. *Racismo visual/ sadismo racial: quando (?) nossas mortes importam*. São Paulo: n-1 edições, 2020a.

NASCIMENTO, t. "da palavra queerlombo ao cuíerlombo da palavra | palavra, preta!" <https://palavrapreta.wordpress.com/2018/03/12/cuierlombismo/>.

NOBLES, W. de. "Sakhu Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afroncentrado". In: Elisa Larkin Nascimento (org). *Afrocentricidade. Uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 277-297.

SELIGMANN-SILVA, M. "Compaixão animal". *Aletria. Revista de Estudos de Literatura*. 21(3), 39–51.

STRATHERN, M. *O efeito etnográfico*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

STRATHERN, M. *Parentesco, direito e o inesperado: parentes são uma surpresa*. Tradução Stella Zagatto Paterniani. São Paulo: Unesp, 2015.

Recebido em: 14/06/2024

Aceito em: 15/10/2023